

Cosmopolíticas do cotidiano e os coletivos de hortas urbanas comunitárias de São

Paulo

Mariana Luiza Fiocco Machini¹⁰¹

Resumo: Este trabalho é fruto do estudo em curso de uma prática que nunca se perdeu, mas que reaparece com força e imersa em novas experimentações: a agricultura urbana.

Temos como foco de estudos as “hortas urbanas comunitárias” da cidade de São Paulo, agrupamentos de voluntários que se reúnem periodicamente para criar e manter espaços de plantio de espécies vegetais e refúgio de espécies animais em meio ao concreto urbano. Situadas em locais públicos, praças, terrenos abandonados da prefeitura, canteiros em meio a grandes avenidas, as hortas de São Paulo fazem emergir discussões sobre ecologia, política, socialidade, troca de saberes; são experimentos que contemplam formas diversas de agir na, para e com a cidade.

A intenção dessa análise é apreender o *movimento* propiciado pela *prática* das hortas comunitárias em uma perspectiva de entrelaçamento entre humano e ambiente. As técnicas utilizadas e valorizadas pelas hortas urbanas paulistanas trabalham com preceitos como a agroecologia, a sintropia, a agrofloresta, as bioconstruções, a permacultura, em que o protagonismo está na interação homem/ambiente, e não no controle de um sobre o outro.

Queremos, à luz de nomes como Isabelle Stengers, Félix Guattari, Bruno Latour, Donna Haraway, pensar as hortas como coletivos humanos-não-humanos que, juntos, explodem em uma maneira de fazer política que se aproxima muito mais das noções de cosmopolítica ou política do cotidiano, trabalhando sob uma ótica mais *relacional* e *menos acelerada*, que, ao mesmo tempo, se torna uma perigosa prática de autonomia.

¹⁰¹ Mestranda em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Breve introdução

Nenhum partido ecologista conseguiu manter uma prática. A ecologia se tornou um domínio, enquanto é uma outra forma de tudo fazer. A ecologia se viu encerrada em um tema, e não é vista como uma outra forma de fazer política. É uma posição bastante difícil. É preciso ao mesmo tempo uma posição revolucionária, pois significa modificar o conjunto dos elementos do sistema de produção. Mas é modificar no nível do detalhe de interconexão de redes técnico-sociais, para as quais não há tradição política. Sabemos o que é imaginar a revolução sem fazê-la, administrar situações estabelecidas melhorando-as, modernizar livrando-se de coisas do passado, mas não sabemos o que é criar um novo sistema de produção inovador, que obriga a tudo mudar, como numa revolução, mas assimilando cada vez mais *elementos que estão interconectados*. Não há uma tradição política para isso. Não é o socialismo, o liberalismo. E é preciso reconhecer que os partidos verdes, seja na Alemanha, na França, nos EUA não fizeram o trabalho de reflexão intelectual necessária. Como os socialistas, no século XIX, refizeram toda a filosofia, seja marxista ou socialista tradicional, libertária, nas relações com a ciência, na reinvenção da economia. Há uma espécie de ideia de que a questão ecológica era local, e que se podia servir do que chamamos de filosofia da ecologia, que é uma filosofia da natureza, muito impregnada do passado, da conservação. O que é completamente inadaptado a uma revolução desta grandeza. Não podemos criticá-los. Eles tentaram, mas não investiram intelectualmente na escala do problema. Não se deram conta do que quer dizer “ecologizar” em vez de “modernizar”.¹⁰²

Narrativas sobre a “questão ambientalista moderna” giram em torno de um apelo global por soluções da mesma amplitude de modo a mitigar as mudanças climáticas, a devastação de florestas, a emissão de poluentes, a escassez hídrica, a extinção de espécies animais e vegetais, a manutenção da vida humana na terra. Não sem muitas controvérsias¹⁰³, há pesquisadores de áreas variadas como ciências sociais, geologia, história, filosofia, que denominam a era atual como Antropoceno, período de pouco mais de duzentos anos que coloca os humanos ditos modernos como atores centrais nas mudanças biogeoquímicas do planeta ao invés de meras figuras que sofrem as consequências de mudanças da chamada natureza.

¹⁰² Entrevista de Bruno Latour ao jornal O Globo. Fonte: <http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/antropologo-frances-bruno-latour-fala-sobre-natureza-politica-519316.html>

¹⁰³ Como se fosse possível sua inexistência... As controvérsias no máximo são enterradas, ocultadas, varridas para debaixo do tapete, muito disso nos ensina a Antropologia das Ciências.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Donna Haraway (2016), no entanto, incomoda-se com a ideia de Antropoceno como uma época, e a coloca muito mais como um “evento limite” que traz descontinuidades graves e a certeza de que o que virá depois não será igual ao que veio antes. São “padrões sistemicamente ligados que podem gerar repetidos e devastadores colapsos do sistema”. E a isso Haraway acrescenta que se trata de questões amplas, conectadas, de destruição de espaços-tempo de refúgio para pessoas e outros seres. “Neste momento, a terra está cheia de refugiados, humanos e não-humanos, e sem refúgios” (p.2). A importância de diferenciar os modernos – e não qualquer humano – como agentes do Antropoceno fica ainda mais evidente com Haraway, que acaba por preferir o termo Capitaloceno como definidor das experiências que vivemos na atualidade, trazendo o sistema capitalista ao centro das discussões.

Félix Guattari inicia seu texto “As três ecologias” tratando da perda e deterioração das relações na atualidade, dentro de uma análise também global em que o que está em jogo é a maneira de se viver na Terra. Guattari defende que não haverá resposta à crise ambiental a não ser em escala planetária, e com a condição de que se opere uma verdadeira revolução política, social, cultural, reorientando os objetivos de produção de bens materiais e imateriais.

Vemos então que a questão da escala é peça-chave nas análises aqui contidas dos três autores citados até o momento, Latour, Haraway e Guattari. Além disso, suas tentativas de respostas e proposições de soluções também possuem algo em comum: não se pode mais operar de maneira tão insistente pelas vias de purificação (para usarmos um termo de Bruno Latour). Os pensamentos dualistas de separação entre natureza e política (a ciência trataria dos *factos* da natureza de modo *racional*, enquanto que a política envolveria as ideologias, paixões, interesses), a oposição entre problemas ambientais e problemas sociais, a distância que separa humanos e não-humanos, tudo isso deve dar lugar a “sistemas multipolares”, “problematizações transversais”, “arranjos multiespécies”, “elementos que estão interconectados”, e, muito importante para estes escritos, “uma outra forma de fazer política”. “Nós precisamos de narrativas (e teorias) que sejam grande o bastante (e não mais que isso) para reunir as complexidades e manter as bordas abertas e ávidas por novas e velhas conexões surpreendentes.” (P.2), defende Haraway. Enquanto Latour escreve que o conceito de Antropoceno é a melhor alternativa que temos para sair da noção de modernização, conceito que se torna uma imensa fonte de confusão, porém, uma fonte bem-vinda, afinal, nossas purificações racionalistas, também elas, nunca deixaram de ser confusas, apenas esforçam-se para mascarar a bagunça. O autor analisa

que muito da produção de realidade - incluindo as híbridas ou altamente emaranhadas - é disparada exatamente pelo trabalho de purificações, que nos permitem operar com os híbridos.

Este exercício de pensamento pretende demonstrar como o que chamamos de *movimento* de hortas urbanas comunitárias de São Paulo – funcionando dentro da lógica da agroecologia - contribui para desestabilizar o império do uno/identidade e a separação clássica entre natureza e política, chegando bem mais próximo de uma política efetivamente ecologizada. O movimento das hortas (é necessário ter em mente a heterogeneidade desses movimentos, mas a opção pela sua aplicação no singular remete a um termo êmico) opera dentro da lógica de multiformas de natureza-sociedade, já que funciona com maneiras diversas de compreender o que é a natureza, o que é a cidade, e como operam suas relações. O resultado disso é uma política (revolucionária) do cotidiano que age pelas fissuras dos poderes digamos, estabilizados. Conectemo-nos, então, com as hortas.

Pequenas respostas para grandes problemas, ou, do que tratam as hortas comunitárias

As hortas urbanas comunitárias de São Paulo podem ser colocadas como um emaranhado de pessoas, sementes, plantas, animais e técnicas em meio ao concreto urbano. Para compreendermos um pouco do que emerge dessas hortas, optamos por partir da perspectiva de *movimento* com vistas a apreender a *cidade-em-cultivo* – expressão interessante e com senso alargado que, esperamos, funcione para valorizar os fluxos em detrimento das estabilizações.

As hortas urbanas são espaços de plantio de ervas, verduras, legumes, frutas e flores em espaços públicos da cidade. Começaram a pipocar a partir do ano de 2012¹⁰⁴ e não cessam de se expandir, ou melhor, de se transformar. São articuladas por moradores da metrópole que expõem as mais diversas motivações para sua criação e manutenção. Uma preocupação com o alimento que se come; críticas à agricultura convencional, baseada em monoculturas e no agronegócio; o direito à apropriação e intervenção em espaços públicos por parte de moradores da cidade; o lazer; uma retomada de certa tradição de plantio que encontra - literalmente e simbolicamente - espaço fora dos pequenos apartamentos de moradia; a sociabilidade; pensar a cidade não apenas como o lugar do

¹⁰⁴ Há uma história bem longa por detrás do plantio de alimentos em cidades e em São Paulo. O conhecido Viaduto do Chá, por exemplo, situado na região central da cidade, tem esse nome por estar, quando inaugurado em 1892, próximo a extensas plantações de chá da Índia. A intenção deste artigo não é a de investigar ou mesmo tornar explícitas as minúcias desta história, mas é importante deixar claro que a agricultura urbana em São Paulo definitivamente não se inicia com as hortas que são aqui objeto de estudo.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

consumo, mas da produção de alimentos; a educação para as crianças e adultos; repensar a cadeia produtiva do alimento; criar mais áreas verdes em ambientes urbanos, áreas estas não cercadas por grades e protegidas por seguranças, mas abertas às intervenções diversas da cidade... É possível seguir com uma lista ainda mais vasta de razões dos defensores do movimento de hortas urbanas de São Paulo. Mas essa infinidade de pautas não é em nada discordante, e sim extremamente elucidativa de como agricultura urbana comunitária agroecológica é, em si, múltipla.

Quando eu conheci a agricultura urbana, a pauta social e a pauta ambiental se fundiram. Aí eu pensei, ufa, agora ficou mais fácil sabendo que tem uma pauta que junta as coisas, que não estão separadas. A agricultura agroecológica é o contato direto meu com a natureza, ou pelo menos o que a gente chama de natureza, o verde, as plantas e tal. A agricultura urbana é um espaço de educação ambiental incrível, é um espaço de construção coletiva de prática de democracia participativa, de autogestão, de democracia direta. É uma prática de cooperativismo porque você tem que gerir uma produção em grupo. No caso da horta comunitária por exemplo, se tiver chefe ela não vinga, ela vira uma horta individual, ninguém fica muito tempo numa horta comunitária se ela tem um chefe.

É o que nos diz em uma longa e recente conversa Lucas Ciola, um dos articuladores do Permaperifa, “Movimento para articulação e entretenimento entre coletivos, grupos, residências e espaços culturais que aplica os princípios da permacultura nas periferias”¹⁰⁵.

Existem, como já dito, múltiplas formas de agricultura urbana na cidade de São Paulo. Desde hortas comunitárias em áreas mais centrais – como a Horta das Corujas na Vila Beatriz, a Horta do Centro Cultural São Paulo, a Horta dos Ciclistas, na praça de mesmo nome entre a Avenida Paulista e a Rua da Consolação, para citar apenas alguns exemplos – como as também hortas compartilhadas de regiões ditas periféricas, como a Horta Terra Molhada já próximo à Embu das Artes, no Jardim Tomé ou o Viveiro Escola União, em São Miguel Paulista na zona leste de São Paulo. Além disso¹⁰⁶, e em especial nas zonas sul e norte da capital paulistana, existem diversas hortas que se encontram dentro das definições mais canônicas de agricultura urbana ou periurbana¹⁰⁷. São hortas relacionadas à efetiva produção, distribuição e venda de alimentos dentro do perímetro urbano. Muitas delas estão

¹⁰⁵ Fonte: https://www.facebook.com/pg/REDEPERMAPERIFA/about/?ref=page_internal.

¹⁰⁶ Nosso objeto de estudos são algumas das hortas comunitárias de regiões mais centrais da cidade de São Paulo, contudo, desde o início de nosso campo de pesquisas em 2013, compreendemos que estudar uma horta implicava necessariamente estudar as outras. A ideia é efetivamente seguir as redes.

¹⁰⁷ MOUGEOT, 1999.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

situadas em áreas cedidas pelo município e pela Eletropaulo, abaixo de linhas de transmissão de energia onde não são permitidas construções.

Se levamos em conta o conceito imperante, seria difícil inserir as hortas comunitárias de São Paulo dentro do termo agricultura urbana, já que suas dimensões reduzidas, as formas de trabalho (se é que esta é a palavra mais apropriado, já que não estamos tratando de uma conceituação estabilizada de “trabalho”) que as circundam e seus objetivos primordiais fugiriam do escopo do que se entende por agricultura urbana. É por isso que tratar o termo no plural e considerar a existência de agriculturas urbanas torna-se interessante dentro de um contexto de amplas mudanças nas cidades contemporâneas.

Para fins deste breve trabalho o que importa é apreender tal multiplicidade de cultivo na metrópole e saber que essas ações definitivamente não estão isoladas umas das outras. Por mais que agreguem experimentações diversas de relação entre agricultura e cidade, os coletivos¹⁰⁸ do universo das hortas paulistanas percorrem fluxos que os conectam todo o tempo através de bancos compartilhados de sementes, feiras de trocas de mudas, intercâmbio de ensinamentos, pessoas que se dedicam a contribuir com modelos de hortas diversas, seja no extremo leste ou na Vila Madalena. O trabalho de cultivo e a relação com a terra têm em si uma interessante inversão valorativa, dentro do qual “às vezes quem tem pós-doutorado não sabe nada e quem é analfabeto sabe tudo”, como comenta Cláudia Visoni, uma de nossas interlocutoras cruciais. Não se trata de forma alguma de ignorar as diferenças entre as hortas de cultivo compartilhado de regiões mais centrais ou periféricas da capital, mas o fluxo de informações, pessoas, plantas e ensinamentos leva a analisá-las dentro de uma perspectiva de movimento.

Outro aspecto primordial de conexão da rede do movimento de hortas comunitárias de São Paulo são as técnicas de cultivo e sua base comum: a agroecologia. Maneira de se contrapor à chamada Revolução Verde da segunda metade do século XX, que introduziu maquinaria pesada e espalhou o uso de fertilizantes, agrotóxicos e sementes selecionadas com vistas à aceleração e à maximização - segundo determinado entendimento da palavra - da produtividade agrícola, a agroecologia não é um termo novo, mas é ainda amplamente desconhecido. Ela “objetiva investigar as possibilidades dos agroecossistemas em termos de sua contribuição simultânea à produtividade, à

¹⁰⁸ Estamos tratando de “coletivo” no sentido dado à palavra por Bruno Latour (1994), o que engloba humanos, não-humanos, discurso, significações, sentidos.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

sustentabilidade, à preservação da biodiversidade, à saúde social e ao favorecimento dos interesses e fortalecimento dos valores das comunidades locais”, diz o filósofo da ciência Hugh Lacey (2009).

Diversos outros termos como a permacultura, os sistemas agroflorestais (SAFs), as bioconstruções, a agricultura sintrópica, são também acionados dentro do movimento de hortas comunitárias. Termos estes que se encontram extremamente interligados e dizem respeito não somente à agricultura, mas a um modelo de vida que não se encontra separado da preocupação ambiental, da manutenção de espécies – humanas e não-humanas -, da autonomia do produtor, da diversidade de modos de vida, da alocação ao invés do descarte de excedentes, de um agroecossistema sustentável¹⁰⁹. Trata-se de uma mudança na ideia do humano moderno como detentor de um domínio sobre a natureza e utilizando-a a seu bel prazer – não sem consequências, como nos mostra o Antropoceno – para o humano como parte de uma rede complexa de agentes. Deparamo-nos com a valorização da terra em detrimento do domínio do território.¹¹⁰ As hortas comunitárias de São Paulo podem ser lidas na chave de uma ampla rede sócio-técnica que faz pensar, e é isso que queremos explorar a seguir.

¹⁰⁹ Eduardo Viveiros de Castro e Débora Danowski (2014) em seu instigante livro *Há mundo por vir?* tratam da ideia de sustentabilidade como um instrumento útil em escala local, mas uma ficção em escalas maiores. Não pretendemos nesse breve tempo discutir as noções e empregos do termo, mas é útil enfatizar sua polêmica.

¹¹⁰ Eduardo Viveiros de Castro, em prefácio ao célebre trabalho de Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015), trata da relação entre terra e território. “O povo de vocês gostaria de receber informações sobre como cultivar a terra?”, questiona a Kopenawa o general Baymay Denys, ministro-chefe da Casa Militar durante o governo Sarney. “Não. O que desejo obter é a demarcação de nosso território”. Viveiros de Castro comenta então o diálogo: “O que me fascina nesse diálogo, além, naturalmente, da soberba indiferença à farda demonstrada por Kopenawa, é a presunção do general, que imagina poder ensinar aos senhores da terra como cultivá-la – convicto de que, povo da natureza, os índios não entendiam nada de *cultura*, Bayma Denys devia pensar que os Yanomami eram ‘nômades’ ou algo assim -; que acredita, ademais, que os pobres índios estavam sequiosos de beber dessa ciência agrônômica possuída pelos Brancos, a ciência que nos abençoa como pesticidas cancerígenos, fertilizantes químicos e transgênicos monopolistas, enquanto os Yanomami se empanturram com o produto de suas roças impecavelmente ‘agrobiológicas’. Mais fascinante ainda, porém, é a total inversão de conceitos proposta por Davi em sua réplica, verdadeiro contragolpe de mestre espadachim. O general fala em ‘terra’, quando deveria estar falando em ‘território’. Fala em ensinar a *cultivar a terra*, quando o que lhe compete, como militar a soldo de um estado nacional, topográfico e agronomocrático, é *demarcar o território*. Bayma Denys não sabe do que sabem os Yanomami; e, aliás, o que ele sabe de *terra*? Mas Kopenawa sabe bem o que sabem os Brancos; sabe que a única linguagem que eles entendem não é a da terra, mas a do território, do espaço estriado, do limite, da divisa, da fronteira, do marco e do registro. Sabe que é preciso garantir o território para poder cultivar a terra”. (p. 35-36). De maneira alguma estamos afirmando aqui que o movimento de hortas urbanas comunitárias de SP e seus atores fuja completamente à lógica de pertencimento a um território e suas demarcações como explicitam Viveiros de Castro e Kopenawa. Mas a própria ideia de tratar as hortas como um espaço comum, que é de todos ao mesmo tempo em que não é de ninguém, bem como suas lógicas de cultivo e relações com o meio ambiente, explicitam algo que tenta desesperadamente fugir das regras e modos de ação do chamado agronegócio.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

“No meio, onde supostamente nada acontece, quase tudo está presente”

A antropologia das ciências de Bruno Latour e Isabelle Stengers é extremamente profícua para pensarmos não sobre, mas junto com as redes que se formam através das urbanas comunitárias que são aqui objeto de estudo. A ideia da constituição moderna de Latour (1994) trata da dupla separação ontológica entre humanos e não-humanos, o mundo cultural da sociedade humana e o mundo natural. Disso resultaria que os fatos das ciências, fatos da natureza, *matters os facts*, estariam em um universo oposto ao da representação dos cidadãos através do contrato social, à política, *matters of concern*. A sociedade moderna inventaria uma separação entre o poder científico encarregado de representar as coisas e o poder político encarregado de representar os sujeitos. Não são os homens que fazem a natureza, e os homens – e apenas eles – fazem as sociedades. A não-humanidade da natureza e a humanidade do social. Mas a constituição moderna, ela mesma dualista, cria com sua incessante tentativa de purificação uma série de híbridos, mistos de natureza e cultura, que não podem mais ser escondidos. O que é a agricultura senão um grande híbrido entre natureza e cultura em que operam pessoas, ideias, posicionamentos políticos, ciência, o solo, a vegetação nativa e a vegetação exótica, clima, técnicas, tecnologias, espécies diversas? Os modernos se tornaram vítimas de si mesmos, porque enquanto a natureza permanecia distante era possível manter impunemente as separações da constituição moderna. Agora, no entanto, damo-nos conta de nossos efeitos sobre ela, e lidamos com a intrusão de Gaia¹¹¹, com o Antropoceno, com mudanças climáticas e buracos na camada de ozônio que não são apenas natureza nem apenas cultura.

Os modernos afirmam de fato que a técnica nada mais é que a pura dominação instrumental, a ciência puro arrazoado e puro ato, que a economia é puro cálculo, o capitalismo pura reprodução, o sujeito pura consciência, é o que fingem crer, mas é preciso sobretudo nunca acreditar neles completamente, já que aquilo que afirmam é apenas a metade do mundo moderno, o trabalho de purificação que destila aquilo que o trabalho de hibridação lhe fornece. (p. 65)

E o que sugere Latour ao paradoxo dos modernos é extravasar, explodir o ideário moderno para as redes. “Em rede o mundo moderno permite apenas prolongamentos de práticas, acelerações da circulação do conhecimento, uma extensão das sociedades, um crescimento de número de actantes” (p. 52).

¹¹¹ Stengers, 2013.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Quando se cultiva uma berinjela, da semente ao fruto, ao invés de comprá-la em uma bandeja de supermercado, cria-se uma série de conexões com aquele alimento e o ambiente ao redor que inevitavelmente gera transformações no relacionamento com entes humanos e não-humanos. As conexões temporais tornam-se outras, temos que desdobrar nossa temporalidade humana para a temporalidade das plantas. É o próprio Latour quem diz que a Constituição moderna “suprime as origens e os destinos dos objetos da Natureza e faz de sua súbita emergência um milagre” (p.69). A berinjela na bandeja de supermercado é um milagre, cultivá-la, no entanto, exige compreender seus ciclos, suas necessidades de mais ou menos sol, água, sua relação com outras plantas e o ambiente ao redor, sua sensibilidade aos poluentes dos veículos (trata-se de hortas no meio da cidade – o que não quer dizer necessariamente que os alimentos comprados nos supermercados sejam menos poluídos¹¹²). Além disso, cultivar uma horta no meio da cidade de São Paulo, em um espaço sujeito a formas diversas de intervenção de pessoas e coisas só faz aumentar os elementos da rede. E, nesse contexto suscetível a tantas e diversas relações – não estamos tratando de um laboratório hermético e controlado – essas pessoas e coisas simplesmente não podem ser vistas como intermediários (para continuarmos no vocabulário latouriano), a vivência do dia-a-dia em cada uma dessas hortas mostra que elas são poderosas mediadoras.

Os voluntários que dedicam dias da semana para regá-las, a subprefeitura do bairro que autoriza, mesmo que verbalmente, a existência da horta, o nível de inclinação do solo que forma canais de água de chuva e nutre ou destrói cada tipo de planta, os cachorros que frequentam a praça, os comuns “roubos de mudas”¹¹³, o calor do asfalto, os vizinhos. Todos esses mediadores, e muitos mais, invariavelmente se impõem a qualquer um de nós que passe algum tempo observando o dia-a-dia das hortas comunitárias. Não há como ignorá-los, não há como tratá-los como intermediários,

¹¹² Para dados recentes ver pesquisa que compara a acumulação de metais pesados em algumas hortas comunitárias de São Paulo e os alimentos produzidos no chamado cinturão verde da cidade: Luis Fernando Amato Lourenço. Determinação das concentrações de metais traço provenientes de deposições atmosféricas em hortas urbanas comunitárias na Cidade de São Paulo. Início: 2014. Tese (Doutorado em Fisiopatologia Experimental) - Faculdade de Medicina da USP, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

¹¹³ Em muitas das hortas pesquisadas a ideia é a de que qualquer pessoa pode colher seus alimentos, mesmo que nunca tenha participado de nenhum plantio. Contudo, a intenção é a da perpetuação das plantas para que mais pessoas possam colher de maneira frequente, assim, deve-se levar folhas da alface, ramos do alecrim, e não arrancar as plantas com a raiz, o que impedirá sua perpetuação. Mas esse é considerado pelos atores das hortas como um trabalho educativo, que aos poucos mostra à população como colher, então, plaquinhas ensinando formas de colheita são espalhadas pelas hortas e muita conversa é dispendida.

pois são suas respostas que colocam qual tipo de horta perpetua na região, quais plantas crescem mais ou menos, quais tipos de experimentos podem ser feitos.

Cada horta é sujeito, é objeto, é discurso, tudo ao mesmo tempo. Mostrando suas vontades ao crescerem ou minguarem, proliferarem ou arrefecerem, palpáveis que mostram tipos de apropriação do espaço público, preocupação com o meio-ambiente, detentoras de significante e o significado, mobilizadoras de saberes, que trazem à tona ensinamentos mais ou menos antigos. São as redes ativas e mutantes se colocando, em detrimento de um ser-em-si.¹¹⁴

“A partir do momento em que seguimos de perto qualquer quase-objeto esse nos aparece às vezes como coisa, às vezes como narrativa, outras laço social, sem nunca reduzir-se a um simples ente” (LATOUR, p. 87). São as redes dando sentido aos actantes, daí as múltiplas formas de hortas e os múltiplos sentidos dados à agricultura urbana comunitária por aqueles que dela participam. O que a agroecologia prega é a multiplicação das relações, mais redes, mais mediadores, e isso deixa as coisas mais lentas, com outra temporalidade.

No livro que escreve em parceria com Philippe Pignarre “La sorcellerie capitaliste”, Stengers se apropria das três ecologias de Guattari e concorda com a ideia de que pensar pelo meio é uma ideia extremamente feliz, em especial quando a palavra traz o senso – no francês mas também no português – da relação com o meio de sobrevivência, o espaço, o meio ambiente. E prega que o que realmente importa ao se pensar pelo meio é “a reconquista de um grau de autonomia criativa em um domínio particular” (p. 157). Trata-se do fazer aqui e do fazer *com*.

É nas relações entre as agriculturas urbanas, entre cada horta e a cidade, dentro de cada horta, que as coisas acontecem. Onde noções de campo, cidade, indústria, maquinaria, agricultura, natureza, educação, alimentação, humanidade e desenvolvimento convivem e se misturam produzindo cruzamentos intensos de fronteiras. Esse é o império do meio, que, pretendemos demonstrar, leva a uma maneira de fazer política muito mais desordenada e cotidiana.

¹¹⁴ Inspiramo-nos em Gabriel Tarde (2007) para privilegiar a ação em detrimento do ser-em-si, a precedência da ação sobre as essências.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Transformar por dentro e “sobretudo, nunca concluir”

Tratar dessas “narrativas mistas” (STRATHERN, 2014) faz pensar. Essa série de intermediários faz com que a horta – criatura – supere seus criadores. Porque mesmo que haja pessoas que frequentem uma horta comunitária com intenções aparentemente unidirecionais, como a do lazer¹¹⁵ por exemplo, é inevitável que com uma visitação frequente saia de lá pensando no ciclo de seu alimento, no trabalho dos produtores agrícolas, no papel de polinização das abelhas, na manutenção de espécies.

Eu começo a perceber a horta e algumas funções da horta que eu jamais imaginaria. Porque quando eu falei “eu vou plantar na cidade” a minha ideia era produzir comida. Só que é um espaço com uma infinidade de finalidades, e virou um espaço de discussão política. Eu comecei a me envolver e comecei a perceber as minhas possibilidades de ação. Eu era muito distante da política, comecei a me engajar politicamente, a olhar para a cidade como um espaço influenciável a partir dos encontros que a horta trouxe na minha vida. As pessoas chegam lá e falam ‘Ai, eu quero plantar um alecrim’. E sai de lá com um molotov na mochila”.

Trecho de uma longa conversa realizada com Guilherme Borducchi, autor da frase acima, e alguns dos demais agentes da Horta Comunitária do Centro Cultural São Paulo, no bairro Vergueiro, região central da cidade

Essas formas alternativas de encarar a produção agrícola e o modo de vida contemporâneo, embasadas na agroecologia, na permacultura, ensinam a pensar cadeias de relações. São técnicas que não dissociam o social ao falar da natureza e vice-versa, técnicas que podem ser encaradas como uma revolução gentil, quase que silenciosa, romântica segundo nossos interlocutores, mas que mostra que existe alguma mudança em curso. As hortas urbanas comunitárias não existem somente em São Paulo, estão espalhadas por diversas cidades do Brasil e do mundo. São lugares de interstícios.

Tá muito na gente, de passar todo dia e falar: olha que praça descuidada, olha que abandonado... Ué, é seu, é muito fácil não se responsabilizar. Eu olho todos os dias, tem um bueiro aqui cheio de coisa e essa rua alaga, eu penso, poxa, alguém podia passar e tirar, né? Mas o que que eu tô esperando? Isso é uma das coisas que eu acho que é poderosa nas hortas, de criar uma relação de pertencimento com o lugar, e eu acho que é isso também que dá muito conflito. E isso transforma radicalmente, você volta pra casa e toda sua relação muda, assim, depois do envolvimento nas hortas eu olho em casa, eu fico olhando o bairro em volta... Você se sente tão responsável, para de enxergar só a caixinha. Você enxerga as cadeias de relações, né. A sociedade educa a gente pra apagar as cadeias de relações. Te dá um

¹¹⁵ Mania moderna de simplificar para tentar se fazer entender. O lazer é uma atividade tão complexa e cheia de enredos quanto as outras que estamos tentando demonstrar aqui.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

produtinho ali pronto e você só tem que aceitar e não fazer muitas perguntas. Aí de repente você começa a pensar, essa taça aqui, qual foi a matéria-prima, por quem ela foi fabricada, de onde ela veio, como ela foi transportada, e aí aquilo começa a virar um panorama.

Mariana Prado, voluntária da horta do CCSP, na mesma conversa acima citada

Isabelle Stengers (2013) fala de nos tornarmos de novo responsáveis por aquilo de que nos separamos, aprendermos a nos conectar com os processos, descobrir modos de luta e de cooperação. Enquanto Guattari (1990) trabalha com uma “ecosofia”, Stengers trata de uma ecologia política solidária a movimentos “lentos”, citando inclusive como exemplo o movimento Slow Food e sua ligação entre produtores, distribuidores e consumidores. Muito dos atores do movimento Slow Food de São Paulo estão ligados ao movimento de hortas comunitárias. E Stengers vai além, trocando a ideia de ecologia política pela de *cosmopolíticas* – como uma ecologia política que foi civilizada, que foi complicada, ralentada, pensada, pois em nome da proteção da biodiversidade, do bem comum, povos foram colocados em uma vigilância perigosa que em nada foge da racionalidade típica do capitalismo. Ralentar significa então colocar em questão todos os entes envolvidos, ouvir, discutir. A cosmopolítica de Stengers não se fecha à controvérsia, às discórdias, e se liga aos modos de ação pelos interstícios. ONGs, ações digitais, cooperativas de consumo, elas nunca tiveram garantia à priori de sobrevivência, todas podem ser cooptadas pelo Estado, pelo sistema capitalista de diferentes maneiras. Mas não podem ser condenadas de antemão. São experimentações, aprendizagens, assim são também as hortas comunitárias.

Expandir o olhar, a consciência, a relação de pertencimento com o lugar, com a cidade, com a comida, as relações de produção e o que está por detrás delas. As hortas elucidam a dimensão da composição em detrimento da dimensão do pertencimento, essa produção, esse espaço que é de todos, mas não pertence a ninguém, o comum. E tudo isso aos poucos, devagar, pelos interstícios, embrenhando-se também dentro do poder público¹¹⁶, sem uma oposição feroz a grandes poderes. A

¹¹⁶ Toda essa transformação do espaço urbano de forma relativamente alheia ao poder público não quer dizer, no entanto, que não haja conflitos e que não haja parcerias entre os atores das hortas e o Estado. O CADES (Conselho Regional de Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Cultura de Paz) da subprefeitura de Pinheiros, por exemplo, tem como algumas de suas representantes voluntárias da Horta das Corujas, como Cláudia Visoni, por exemplo. Madalena Buzzo, outra vizinha da Horta das Corujas e voluntária ativa, candidatou-se recentemente ao cargo de vereadora tendo grande parte de suas propostas pautadas no meio ambiente e na possibilidade de tornar as hortas urbanas uma política pública municipal. Recentemente houve também um encontro entre alguns atores das hortas para discutir suas relações com as



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

política das hortas, ela também, é movimento, que tem como medida tática explodir as coisas por dentro, com pequenas disputas não necessariamente beligerantes. Entender-se como parte ativa da construção não da, mas com a cidade, sempre em processo, uma política que se constituiu na prática, tentando unir valorização do meio ambiente e transformação social¹¹⁷. E para isso é necessário “*faire confiance*” e “*faire attention*” (STENGERS, 2005), já que as hortas agregam usuários que não necessariamente se conhecem, que possuem interesses diversos apesar de se unirem nas *práticas* de cultivo¹¹⁸.

As hortas são vistas por muitos de nossos interlocutores como mudanças que começam de baixo e são pequenas, mas que respondem à narrativa dos problemas ambientais globais. Atenderiam as hortas à “ecosofia” de Guattari?¹¹⁹ Ao nosso ver, a potência das hortas está em suas ações no seio da vida cotidiana.

Uma imensa reconstrução das engrenagens sociais é necessária para fazer face aos destroços do CMI [*Capitalismo Mundial Integrado*]. Só que essa reconstrução passa menos por reformas de cúpula, leis, decretos, programas burocráticos do que pela promoção de práticas inovadoras, pela disseminação de experiências alternativas, centradas no respeito à singularidade e no trabalho permanente de produção de subjetividade, que vai adquirindo autonomia e ao mesmo tempo se articulando ao resto da sociedade. (GUATTARI, 1990, P.44)

É Bruno Latour (1994) quem diz que “local” e “global” são conceitos bem adaptados às superfícies e à geometria, mas inadequado para as redes e a topologia. As coisas não são em si locais ou globais, e sim, sempre, frutos de uma série de conexões que, defendemos, dão-se na ideia, e sobretudo na prática, de cotidiano. Seu poder é ainda pouco explorado, apesar de termos grandes produções voltadas a ele, como as de Michel de Certeau (2014). O cotidiano é mais poderoso que as mudanças locais ou as mudanças globais, pois é seu substrato e a exposição de suas redes de relações.

subprefeituras e receios de notícias inesperadas com a mudança de governos em 2017, nada garante formalmente a existência das hortas, elas podem deixar de existir se a prefeitura assim impuser – não sem muita luta de seus mantenedores, temos certeza.

¹¹⁷ Como diria um dos lemas de fundação do Instituto Sociambiental (ISA), “Socioambiental se escreve junto”.

¹¹⁸ Cláudia Visoni, voluntária atuante principalmente na Horta das Corujas e na Horta dos Ciclistas, conta-nos a seguinte história: “Vira e mexe vem alguém reclamar da horta. Esses dias chegou uma moça e me disse que a horta era muito feia, toda bagunçada, parecia tudo mato. Eu sempre costumo ouvir as pessoas, deixar elas falarem. Aí eu comentei “ah que pena que você não gostou da horta, mas vem ver, aqui tem isso, aqui tem aquilo, aqui tem plantas medicinais, aqui tem caruru. Quando eu falei caruru ela identificou a planta e abriu um sorriso. “Nossa, caruru me lembra minha mãe, a minha cidade, quando eu era criança só tinha isso pra comer lá, minha mãe pedia pra gente procurar caruru no quintal pro jantar”. Aí ela de alguma maneira se identificou com a horta. Hoje ela é responsável por um dos canteiros. O canteiro dela é todo certinho, todo limpinho, nada agroecológico, mas tudo bem, a horta serve pra isso também.”

¹¹⁹ Sabedoria do meio, a ecosofia agruparia a ecologia social, a ecologia mental e a ecologia ambiental.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

E é justamente a análise do cotidiano das hortas comunitárias - que exigem um trabalho diário, persistente, cheio de fins e recomeços - que nos ilumina as subjetividades de Guattari, as controvérsias de Latour, as cosmopolíticas de Stengers.

A horta me ensina a lidar com o desapego. Eu planto um pé de café hoje e amanhã ele pode não estar mais aqui. Ontem mesmo destruíram o apoio que eu fiz para o pé de maracujá que tava lindo. Mas a gente aprende que não se trata de fazer pra gente, é fazer pro mundo, e se desfizerem a gente faz de novo, de outro jeito se precisar.

Luciano, voluntário assíduo e um dos criadores da Horta dos Ciclistas.

As hortas estudadas encontram muito de sua fundamentação na prática que deve sua relevância justamente à possibilidade de ser prática qualquer, fugidia, sempre fértil em desvios e em novos caminhos, no dia-a-dia e tornando-se forte à medida em que estende as redes. Essa, chamamos, é uma política do cotidiano, é a cidade-em-cultivo, são os seres-em-cultivo.

Além disso, por se afastarem das identidades os atores confundem e inquietam as instituições ocidentais. Acostumadas a operar a política a partir da identidade e de identificação, veem com estranhamento os movimentos que não agem sempre no mesmo diapasão. Soa assim como ruído aquilo que se afasta um pouco mais do que a modernidade chama de política.

O ruído se apresenta como falta de sentido, crítica mais que recorrente a diversas ações políticas contemporâneas, inclusive às hortas. “Falta projeto político”, “Falta proposta de futuro”, “Falta ordem e organização adequadas”, “Faltam interlocutores válidos (representantes)”... Essa política cotidiana apresenta-se como uma enorme bagunça diante dos olhos atentos do Estado. Ao chegar em muitos desses “canteiros” o olhar desatento (ou seria um olhar atento demais?) logo pode notar (ou notar pela falta) que a organização não se encontra. “Isso é tudo mato!”, “Como vou saber o que fazer com o que?”, “Que bagunça!”. E então notamos que as simetrias, as separações, as categorizações e taxionomias, a otimização do espaço para ser um espaço produtivo tentava arrancar pela raiz a lógica das conexões, das redes. A política amarra os fluxos das hortas comunitárias de São Paulo e se torna linha crucial para a compreensão do(s) movimento(s).

É esse o trabalho de formiguinha na cidade, esses pequenos grupos tentando requalificar espaço público, melhorar as relações humanas. Então eu gosto desse tema das fissuras porque eu acho que é onde as pessoas ganham as batalhas, não é no confronto direto, não é “vamos acabar com o capitalismo amanhã”, não é todo coronel que é horrível. Assim, eu fico meio observando, aí você vê a rachadura, e aí você fala aqui dá. E você conta com a inconsciência, as coisas são caóticas.

Conversa com Cláudia Visoni na Horta das Corujas



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

O que dizem as hortas, junto com as técnicas de agroecologia, é que natureza e política estão completamente conectadas, dentro de uma lógica do cotidiano que supera a imagem dicotomizante do local/global. Não se trata de, via traduções das ciências da modernidade, revelar uma verdade através da natureza – o saber do fazer moderno – mas sim compreender como as coisas andam juntas.

Stengers (2005) defende que o que chamamos de “sistema” nos impele a acreditar que não nos livraremos dele sem grandes ideias, imaginando uma nova sociedade, um outro mundo, “em suma, obrigam-nos a começar pelo fim: uma bela teoria antes da técnica.” Mas o outro mundo, ah, ele é o resultado, não o ponto de partida. E é justamente essa necessidade “imposta” de criar um outro mundo e ruir repentinamente todo o sistema que pode nos paralisar, anular, fazer-nos deixar de pensar. Novamente, é o poder do cotidiano que pode, quem sabe, virar o jogo.

Tanto Stengers quanto Guattari estão falando de uma autonomia criativa que não tem nada a ver com uma versão clássica de emancipação como a superação da alienação, modelo eminentemente geral, generalizável, sem criação, sem a valorização da construção cotidiana.

Ele é prático, é ativista, mas não é aquele ativismo combativo. É aquele ativismo romântico, bonito, que de repente tem uma velhinha do seu lado, uma criança do outro. É, vai todo tipo de gente, né. Porque ele não tem cara de político. É, assim, de falar que não é político, de ser bonitinho, de atrair por um outro meio. É que não tá tudo explícito, a horta não te coloca tudo de uma vez, tipo um cartaz. Você tem níveis de interação com a horta, e aí ela vai muito delicadamente te levando pra discussões fundamentais da vida que, enfim, cada um se envolve no nível que quiser, mas pelo menos um pouco dessa discussão acaba chegando.

André Biazoti, um dos voluntários da Horta do Centro Cultura São Paulo

Emerge da cidade-em-cultivo a política-do-dia-a-dia que, ao não se encaixar na unidade das identidades, ao cultivar o socioambiental em conjunto, ao ralentar a temporalidade, ao estender as redes, ao escancarar os processos, torna-se um instrumento muito poderoso de transformações pelas fissuras que, quem sabe, pode contribuir para o resultado de um novo mundo.

Stengers (2005) nos ensina a “sobretudo nunca concluir”, a conclusão de qualquer texto, sempre, pertence ao leitor. Também é assim a quem estuda e participar dos movimentos de hortas. Mas esperamos ter deixado claro parte do que pode ser pensado *com* os coletivos de hortas comunitárias.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Referências Bibliográficas

BAILÃO, Andre Sicchieri. **Ciências e mundos aquecidos: narrativas mistas de mudanças climáticas em São Paulo**. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2014.

CERTEAU, M. DE. **A Invenção do cotidiano: artes de fazer**. São Paulo: Vozes, 2014.

DANOWSKI, D e VIVEIROS DE CASTRO, E. **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins**. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2014.

DIAS, J. P., SZTUTMAN, R., MARRAS, S. **Múltiplos e animados modos de existência: entrevista com Bruno Latour**. Revista de Antropologia, v. 57, n. 1, p. 499-519, 2014.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

HARAWAY, Donna. **Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes**. Revista Climacom. Unicamp, Campinas, ano 03, número 05, p. 01-07, 2016.

HARAWAY, D., ISHIKAWA, N., GILBERT, S. F., OLWIG, K., L. TSING, A. L., & BUBANDT, N.. **Anthropologists Are Talking – About the Anthropocene**, Ethnos, 81:3, 535-564, 2016.

KOPENAWA. D. e ALBERT, B. **A queda do céu. Palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LOURENÇO, Luis Fernando Amato. **Determinação das concentrações de metais traço provenientes de deposições atmosféricas em hortas urbanas comunitárias na Cidade de São Paulo**. Início: 2014. Tese (Doutorado em Fisiopatologia Experimental) - Faculdade de Medicina da USP, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

LACEY, Hugh. **Entrevista: Hugh Lacey**. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 7 n. 3, p. 623-628, nov.2009.

LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica**. São Paulo: Editora 34, 1994.

MOUGEOT, L. J. A. **Urban Agriculture: Definition, Presence, Potential and Risks, Main Policy Challenges**. IDRC: (novembro 1999) CFP Report 31.

STENGERS, Isabelle. **Une autre Science est possible! Manifeste pour un ralentissement des sciences**. Paris: Éditions La Découverte, 2013.

STENGERS, Isabelle & PIGNARRE, Philippe. **La sorcellerie capitaliste: pratiques de désenvoûtement**. Paris: La Découverte, 2005.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia
Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

STRATHERN, M. **O Efeito Etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

TARDE, Gabriel. **Monadologia e sociologia – e outros ensaios**. São Paulo, Cosac Naify, 2007.

Sites Consultados:

Entrevista de Bruno Latour ao jornal O Globo de 28/12/1013.

<http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/antropologo-frances-bruno-latour-fala-sobre-natureza-politica-519316.html>. Acesso em 03/12/2016.

Grupo no facebook do Movimento Permaperifa

https://www.facebook.com/pg/REDEPERMAPERIFA/about/?ref=page_internal. Acesso em 22/12/16.